

SRH
Pt 76-014 52/07/13
Mane canaco
p.2

Sergio, Anti-Cafajeste

Manuel Bandeira

HA UNS POUCOS, muito poucos escritores nossos, cuja formação nos dê uma impressão de milagre. Como terá sido possível que chegassem a tamanha força e tamanha disciplina mental dentro do nosso atraso e da nossa desordem? Três, sobretudo me espantam: Machado de Assis, João Ribeiro e Sérgio Buarque de Holanda. No entanto, são todos três bem brasileiros e até bem de suas províncias: Machado, bem carioca; João Ribeiro, bem nordestino; Sérgio, bem paulista. O certo de cultura estrangeira em plebe nacional de tão generoso teor não será bastante para explicar a superioridade deles, já que em outros autores, muito estimáveis de certo, os mesmos elementos não puderam gerar a robusta originalidade daqueles três mestres, cada um dos quais, verdadeiramente sem par em sua geração.

Por diferentes que pareçam, há um traço a irmaná-los: não sei como chamá-lo senão pelo que possa ser o antônimo de cafajestismo. O meu carioca é cafajeste, e creio que sempre foi assim, pelo menos desde os tempos de Pedro I. Pois Machado, nascido e criado aqui, João Ribeiro e Sérgio, vivendo aqui desde os vinte ou vinte e poucos anos, não apresentam a menor tizna de cafajestismo. Sérgio é o anti-cafajeste por excelência. Bem, Sérgio é paulista, e todo paulista tem os seus defeitos, mas é raro que seja cafajeste.

A CLASSE de Sérgio. Foi a primeira qualidade que me chamou a atenção para ele há uns trinta anos. Nunca me esqueço de sua figura certo dia em pleno Largo da Carioca, com um livro de baixo do braço, e no olho direito o monóculo que o obrigava a um ar de seriedade. Naquele tempo não fazia senão ler. Estava sempre com o nariz metido num livro ou numa revista — nos bondes, nos cafés, nas livrarias. Tanta eterna leitura me fazia recear que Sérgio socorresse num cerebrismo cuja única utilidade seria ensinar a escritores europeus de passagem pelo Rio a existência desconhecida por eles de livros e revistas de seus respectivos países. Sérgio talvez não tivesse lido ainda a *Uddá* ou a *Divina Comédia*, mas lia todas as novidades das leituras francesa, inglesa, alemã, italiana e espanhola. Sérgio não socobrou; curou-se do cerebrismo caindo na farra. Dispersou a biblioteca, como se já a trouxesse de cor (e trazia mesmo

que memória, o quê!) e acabou emigrando para Cachoeiro de Itapemirim. As suas ananças por lá se podem ser contadas pelo príncipe dos cronistas brasileiros, o velho Braga, que naquele tempo era ainda menino e suspeito que fez parte das badernas que acompanhavam em assuada os passos malseguros do dr. Progreso.

Por um triz que Sérgio se perdesse, e foi quando pretendia ser professor no Ginásio de Vitória. O Estado do Espírito Santo até hoje não sabe a oportunidade que botou fora quando o seu governador de então voltou atrás de ato que nomeava professor de História Universal e História do Brasil, o futuro autor de *Raízes do Brasil*. Benditos porres de Cachoeiro de Itapemirim! Eles não valeram a devoção em perfeito estado, de Sérgio, então desce-rebitalizado, pronto para a aventura na Alemanha, de volta da qual já era a figura sem par a que me referi no começo desta linhas.

SERGIO já não lia mais nos cafés, desinteressara-se bastante da poesia e da ficção, apaixonara-se pelos estudos de história e sociologia, escrevia *Raízes do Brasil* e *Monções*. Entrementes casara-se. Quem diria que desse um marido exemplar? Pois deu. Verdade seja que o bom marido depende muito da boa esposa. Nesse capítulo Sérgio acertou no pleno. E graças aos muitos filhos que vieram vindo devemos a volta de Sérgio à crítica literária. Ninguém diria também que voltasse de ponto em branco, a par de tudo o que se passara no mundo das letras. Tomou pé da noite para o dia. Se não vejamos, ninguém melhor do que ele tem escrito sobre a chamada geração de 45. (Salham todos que Sérgio viveu antes dos vinte anos, e sabia fazer versos no duro).

O estilo de Sérgio, na sua atual clareza e lógica, foi uma conquista. Há hoje um certo casticismo na sua prosa, mas não é o dos clássicos portugueses. Tirou o suspenho das atas da Câmara da Vila de São Paulo, das ordenações régias e dos testamentos quinhentistas.

Agora tudo o que ele escreve tem no mais alto grau aquela qualidade que já assinala — a classe: até relatando fuxicos do modernismo não se lhe nota nem sombra de cafajestismo. Insisto nisso, porque o Brasil, valha-nos Deus! cada vez mais está para os cafajestes.